

MACHADO DE ASSIS: A POSSÍVEL ARTICULAÇÃO ENTRE O CLÁSSICO E A TECNOLOGIA

Tania Maria Nunes de Lima Camara¹

A linguagem constitui o instrumento por meio do qual o homem se inter-relaciona no meio social. A quantidade cada vez maior de textos que conjugam sinais de diferentes linguagens exige do indivíduo habilidades específicas tanto de decifração quanto de compreensão leitora. Vivemos, pois, numa sociedade que recorre a formas diversas de significar, o que torna insuficiente a leitura de apenas signos verbais.

Essa ampla possibilidade de produzir e de ler textos acarreta o desenvolvimento do autor/leitor plural, ou seja, aquele que interage de maneira proficiente com toda essa variedade de formas de expressão, entre as quais se encontram os recursos tecnológicos. Segundo Marcuschi (2008:198), “Mais do que em qualquer outra época, hoje proliferam gêneros novos dentro de novas tecnologias, particularmente na mídia eletrônica (digital)”. A internet, sem dúvida, traz uma nova forma de leitura e escrita.

Se, de um lado, a utilização cotidiana dos recursos tecnológicos assusta e intimida alguns adultos, por outro, faz parte da realidade de jovens e crianças de diferentes faixas etárias, o público-alvo do professor. Em relação à postura assumida pelo primeiro grupo de pessoas, Freitas afirma que

“...A nossa geração, que não nasceu com a informática, se surpreendeu com o seu surgimento, e sua presença, se não continua nos assustando até hoje, pelo menos nos incomoda. Pensamos nos seus efeitos que ainda desconhecemos e tememos por aquilo que já é de nosso domínio. Assim, vemos às vezes com reservas o uso do computador, da Internet por um número cada dia maior de pessoas e nos perguntamos se a nova forma de leitura e escrita não estaria ocupando ou até desativando o lugar do livro enquanto códex...” (FREITAS, 2006:12)

Quanto ao segundo grupo, sabe-se que, cada vez mais cedo, as crianças convivem e interagem com os meios eletrônicos, especialmente com o computador. Palavras como *mouse*, *play*, *pause* fazem parte do vocabulário infantil, frequente e adequadamente empregadas quando em contato com CDs, DVDs, *sites* infantis.

É preciso, pois, saber conviver com as transformações e interagir de modo proficiente com elas, uma vez que constituem uma realidade que não se pode negar. No caso específico da atitude do professor, além do convívio e da interação mencionados,

¹ Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ) / Centro Universitário Augusto Motta (UNISUAM)

mostra-se necessário conhecer e dominar os diferentes recursos tecnológicos, no intuito de torná-los ferramentas eficazes na prática pedagógica, dado o envolvimento natural dos alunos em relação ao computador. Trata-se, portanto, da transposição dos suportes virtuais de um contexto social mais amplo para o contexto educacional.

Diante desse quadro, vale considerar a questão colocada por Marcuschi acerca do papel da escola:

... vale indagar-se se a escola deverá (...) se ocupar de como se produz um *e-mail* e outros gêneros do discurso do mundo virtual ou se isso não é sua atribuição. Pode a escola tranquilamente continuar ensinando como se escreve cartas e como se produz um debate face a face? Será que o modelo de interação face a face proposto por Sacks, Schegloff e Schiffirin nos anos 1970 já deve ser revisto em pontos essenciais, considerando-se a presença dos bate-papos? (MARCUSCHI, 2008:198)

Uma resposta única para as indagações do autor acima referido deverá levar em conta o papel da escola como instituição que, ao mesmo tempo, preserva a tradição e promove a renovação. Certamente cabe a ela ocupar-se com *e-mails* e demais gêneros virtuais emergentes, por conta de estes fazerem parte do mundo contemporâneo, do mesmo modo que deverá continuar a ensinar seus alunos a produzir cartas, considerando os subgêneros que este gênero demanda, bem como a produzir debates em que se dá a presença física dos debatedores, porque essa é também uma situação possível de ser apreciada e vivida no momento presente. A revisão constante de procedimentos, com vistas a avaliar a atualidade de assuntos trabalhados e de práticas desenvolvidas, mostra-se a atitude mais adequada. A escola, portanto, na condição de simulacro do mundo exterior, deve trazer para a prática pedagógica, especialmente para a leitura e escrita, aquilo que a tecnologia oferece e que se mostra, além de próximo, tão agradável para o aluno.

Concordamos com Freitas (2006:16) quando afirma que “...O ciberespaço é certamente um dos futuros da leitura e da escrita, e é nessa perspectiva que para ele dirigimos nossa atenção...”, sem com isso determinar o fim do material impresso, do livro tal qual o conhecemos e apreciamos, pois, segundo José Mindlin, em matéria publicada no *Jornal do Brasil* de 7 de março de 2010, “O prazer que o contato físico com o livro proporciona, a meu ver, é insubstituível. A vida é melhor para quem lê do que para quem não lê.”

O objeto livro certamente não perde seu lugar na sala de aula; apenas outros modos de ler/escrever são também oferecidos e considerados como práticas pedagógicas. A exposição ao novo normalmente desperta um certo medo, um quê de insegurança no homem, o que, ao mesmo tempo, não constitui motivo para deixá-lo inerte, preso a um passado ainda que recente. Nessa situação, a tecnologia quase sempre se mostra como a grande ameaça para distintas situações de equilíbrio. O surgimento da televisão não determinou o fim do rádio, o que chegou a ser vislumbrado e temido; os dvds não colocaram um ponto final na vida do cinema, por exemplo. A resistência ao novo, na verdade, por constituir um traço humano, percorre distâncias muito mais longínquas. De acordo com Freitas:

... Não podemos agir negativamente como Platão encarou o surgimento da escrita. Em *Fedro* e na *Sétima Carta* Platão fez objeções à escrita (...). Dizia ele que a escrita é inumana, pois pretende estabelecer fora da mente o que só nela pode estar.(...) Para Platão, o texto escrito é estático, inerte, não dialoga com o leitor(...) a escrita é passiva, artificial, situando-se fora do contexto natural da palavra falada. (FREITAS, 2006:15.)

As severas críticas de Platão à escrita muito se aproximam dos temores atuais em relação ao computador e à internet. Tais temores trazem à mente o poema *Ladainha*, de Cassiano Ricardo:

*... Por que levantar o braço
para colher o fruto?
A máquina o fará por nós.
Por que labutar no campo, na cidade?
A máquina o fará por nós.
Por que pensar, imaginar?
A máquina o fará por nós.
Por que fazer um poema?
A máquina o fará por nós.
Por que subir a escada de Jacó?
A máquina o fará por nós.

Ó máquina, orai por nós.*

Ao contrário do poema acima, não se pretende estabelecer antagonismo na relação homem-máquina, tampouco determinar a substituição daquele por esta. Retomando Freitas

... É preciso compreender que a sucessão da oralidade, da escrita e da informática como modos fundamentais de gestão social do conhecimento

não se dá por simples substituição, mas antes por complexificação e deslocamentos de centros de gravidade... (FREITAS, 2006:15),

Assim, a tela do computador e todos os gêneros textuais surgidos a partir desse suporte constituem novos modos de ler, com os quais a escola deve fazer parceria. *Blogs, twitters, chats*, comunidades do *orkut* passam a apresentar finalidades outras, atendendo a propósitos pedagógicos, colocadas a serviço da leitura e da escrita. Segundo Bakhtin, a modificação é característica do próprio gênero textual em si, que não deve ser visto como estático, imutável; ao contrário, está sujeito a transformações, mudanças essas decorrentes das transformações da sociedade, bem como a utilização em contextos diferentes daqueles em que tradicionalmente são empregados. No caso, a transposição vai conduzi-los para o campo das ferramentas pedagógicas.

Como fica, então, nesse novo e amplo universo, o trabalho com o texto literário? Como trazer a leitura dos clássicos, aproximando-a de todos esses gêneros emergentes, que tanto seduzem crianças e jovens?

A leitura dos clássicos remete a uma discussão anterior ao assunto em pauta. Ler ou não ler os clássicos? Eis a questão. Segundo Ana Maria Machado:

... hoje em dia o ensino é diferente e o mundo é outro. Não se concebe que as crianças sejam postas a estudar latim e grego, ou a ler pesadas versões completas e originais de livros antigos (...) Apenas não precisamos cair no extremo oposto. Ou seja, o de achar que qualquer leitura de clássico pelos jovens perdeu o sentido e, portanto, deve ser abandonada nestes tempos de primazia da imagem e domínio das diferentes telas sobre a palavra impressa em papel. (MACHADO, 2002: 11.)

Certamente é função primordial da escola levar o aluno a ter contato com textos de excelência, entre os quais estão os clássicos da literatura brasileira e universal, pois, de acordo com Todorov (2009:33), "... O conhecimento da literatura não é um fim em si, mas uma das vias régias que conduzem à realização pessoal de cada um...". O grande desafio para o professor está na maneira de realizar esse encontro, no intuito de fazê-lo o mais duradouro e envolvente possível, por meio de equilíbrio entre o clássico e os recursos tecnológicos.

O dia a dia faz cada vez mais evidente a relação entre a leitura e a tecnologia. Por exemplo, em artigo publicado no *Caderno B do Jornal do Brasil* de 27 de março de 2010, a empresária do setor editorial Rosely Boschini declarou que

Na Feira do Livro de Frankfurt do ano passado, na qual o Brasil esteve presente com 1640 títulos e 50 editoras (...) um dos temas recorrentes foi o advento do e-book. Dentre os 7373 expositores, 361, ou 5% do total, o incluíram em seus estandes.

Mais adiante, a empresária acrescenta não haver dúvida de que se trata de uma tendência irreversível o surgimento desse consistente mercado de equipamentos eletrônicos. Assim, o *e-book* deve ser visto como uma oportunidade de ampliar o universo do público leitor, com o surgimento e desenvolvimento do “leitor eletrônico”: aquele que considera mais prático fazer uso do suporte tecnológico do que carregar bolsas e bolsas cheias de livros.

Outra demonstração dessa presença marcante deu-se na crônica *Uma tuitatura*, de Zuenir Ventura, publicada no jornal O Globo de 17 de abril de 2010, cujo título indica “... os enunciados telegráficos com criações originais, citações ou resumos de obras impressas...”. Segundo Zuenir, “...já somos o segundo país com o maior número de tuiteiros. São 8,8% da população mundial de usuários, longe dos EUA (50%), mas à frente do Reino Unido, com 7,2%”. Outra informação importante do autor diz respeito à aceitação do *twitter* “em territórios antes exclusivos do papel”: a Academia Brasileira de Letras abriu um concurso de microcontos a serem escritos conforme a especificação do referido gênero, ou seja, 140 caracteres.

Constata-se, portanto, uma realidade ante a qual o professor se deve colocar e manter-se atento. Algumas experiências vêm sendo realizadas em escolas públicas e particulares de Educação Básica do município do Rio de Janeiro, no sentido de fazer das ferramentas tecnológicas novos modos de ler e de escrever na escola, buscando nessa estratégia um diferencial da prática docente.

Uma experiência, ainda que incipiente, de estabelecer a articulação entre o clássico e a tecnologia foi por nós desenvolvida em três turmas de Ensino Médio de uma escola particular, em 2009.

Primeiramente, foi indicada para as turmas a leitura do conto *O Enfermeiro*, de Machado de Assis. A leitura foi realizada na sala de aula, com a professora lendo o texto em voz alta, depois que os alunos já o haviam lido em casa. Os alunos sabiam que tal leitura não seria utilizada como avaliação tradicional, que sempre envolve a atribuição de uma nota; seria, realmente, a leitura pela leitura, o caminhar pelo texto machadiano, explorando suas riquezas e tentando desfazer pré-conceitos. Comentários e

observações acerca dos personagens foram destacados e levantadas algumas passagens que, por qualquer motivo, tivessem chamado a atenção do aluno.

Encerrada essa etapa, as turmas assistiram ao filme decorrente do conto e puderam comparar a linguagem de um e outro suporte, estabelecendo diferenças pertinentes entre elas. Perceberam a redução do texto no filme em relação ao livro, compararam os ambientes “vistos” com os “imaginados”, observaram a iluminação do filme. Alguns chegaram a relacionar os personagens construídos por Machado – o coronel Felisberto e Procópio – com o desempenho dos atores do filme – Paulo Autran e Matheus Nachtergaele –, em seus respectivos papéis.

Em um terceiro momento, a professora e os alunos experimentaram uma forma nova de estudar o texto literário, com o uso dos gêneros textuais eletrônicos. A leitura não mais conduzida de forma linear, mas desenvolvendo-se pela “navegação” da internet. De acordo com Freitas:

...Enquanto manuseamos um livro, viramos sequencialmente suas páginas. O hipertexto informatizado nos dá condições de atingir milhares de dobras imagináveis atrás de uma palavra ou ícone, uma infinidade de possibilidades de ação, muitos caminhos para navegar... (FREITAS, 2006:16.)

Assim, no laboratório de informática do colégio, a professora pediu que os alunos pesquisassem dados relativos ao autor e à obra e, posteriormente, trocassem, via e-mails, entre si as informações obtidas e devidamente avaliadas. Em seguida, foi-lhes solicitado que buscassem “comunidades” virtuais que tivessem como tema Machado de Assis e sua obra, em especial o conto trabalhado.

Na aula seguinte, também no laboratório, foi aberto um fórum de discussão. O professor abriu um debate, tendo como tema a responsabilidade, ou não, de Procópio na morte do coronel. A turma foi dividida em dois grupos, e cada um deles assumia uma posição em relação ao personagem (favorável ou desfavorável), apoiando-se e destacando passagens do texto escrito que sustentassem o posicionamento. Uma aula de construção de argumentos bem mais produtiva, envolvente e com bons resultados quanto à formulação de argumentos.

Como fechamento da atividade, foi pedido aos alunos que criassem novas “comunidades”, envolvendo o autor, a obra e os personagens estudados. Periodicamente, os grupos verificavam adesões às comunidades criadas e traziam as informações para a turma.

A maneira como o estudo do conto foi realizado trouxe resultados bastante satisfatórios em relação ao envolvimento dos alunos nas atividades propostas. Houve uma participação efetiva dos alunos nas diferentes etapas de realização uma avaliação positiva do texto machadiano, desmistificando a ideia de tratar-se de um autor difícil. Outros estudos foram, então, cooperativamente planejados, com a sugestão de outros autores e textos em prosa e em verso.

Concordamos com Freitas (2006:16) quando afirma que “O leitor em tela é mais ativo que o leitor em papel” e que ler na tela permite “... uma leitura interativa que favorece uma atitude exploratória e algumas vezes lúdica diante do material a ser assimilado.”

Entender a tecnologia e os gêneros textuais que dela emergem como ferramentas de ensino possibilita não só o uso estratégico desses recursos, como também demonstra a necessidade de transformação do professor atuante e preocupado com a atualização de sua prática docente.

Referências

FREITAS, Maria Teresa de Assunção; COSTA, Sérgio Roberto (orgs.) *Leitura e escrita de adolescentes na internet e na escola*. 2ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

MACHADO, Ana Maria. *Como e por que ler os clássicos universais desde cedo*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

RICARDO, Cassiano. *Ladainha*. On line, disponível na Internet via <http://www.algumapoesia.com.br>

TODOROV, Tzvetan. *A literatura em perigo*. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.